

ESPAÇO E SAÚDE: de mãos dadas

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Professor da
UFG/Universidade Federal de Goiás]

Quando fiz doutoramento deliberei ter moradia itinerante em São Paulo. Morava num lugar durante seis meses, depois me mudava: queria vivenciar a cidade que, naquela época, era representada como a terceira maior do mundo.

Muitas vezes, depois das atividades na USP (Universidade de São Paulo), já em casa, saía para ver, apenas para ver. Queria ver rostos de pessoas, cenas comuns, jogo de cintura, sacolinhas de plástico deambulando no ar cinza. Havia rostos graves e tristes; um moço andava como Chaplin; a moça pisava elegante; o vendedor de pipoca claudicava.

O adolescente chegava da escola com chiclete sádico na boca. A rua era o cinema real da urbe tresloucada.

Via vendedores ambulantes, gente apressada, tropeções. Fiz legendas de tipos de andados; de tipos de rostos, de tipos de olhares. Às vezes tentava perceber a diferença de barulho de um veículo com o outro, a sua musicalidade demoníaca, ruidosa, cansativa.

Nas aulas de geografia urbana que tinha na USP a ideia era reprisada: a rua deixou de ser o lugar público e do encontro para se tornar o lugar do atropelamento, do deslocamento compulsivo; da violência, da poluição visual e sonora.

Um lugar de competição de veículos, território do excesso de imagens que, sem dúvida, atravessa a percepção, a sensibilidade, o gosto de ver – e de encontrar. Por isso, crescem as fobias nas metrópoles. Diante do espaço fóbico muitas pessoas tendem a se refugiar nos quartos com os seus *smartphone*.

Na rua, a respiração é atropelada; nos quartos, o dilúvio de informação embota. O espaço torna-se condicionante do adoecimento, do medo. O medo inibe, adoce, impede a criação.

Pois bem! Viver supõe o espaço mediante o qual todas as relações humanas e sociais são possíveis.

Mas o espaço, especialmente os das metrópoles desiguais, claustrofóbico, complexo, asfixiante e ruidoso, é gerador de adoecimento. Como fazer?

A despeito do espaço que adoce, pode haver relações humanas, sociais e políticas fomentadoras de saúde, pois se o espaço determina as relações, são as relações que constituem o espaço.

O desafio central é estabelecer relações íntegras, corajosas, solidárias, alegres, transgressoras.

Em cada sala de escritório, em cada quarto da casa, em cada esquina o espaço se nos chega com suas farpas, mas somos nós que o fazemos vivo e cheio de significados. Morar, deslocar-se, trabalhar, namorar são componentes do espaço, mas as relações podem criar coesão de classes; podem efetivar reforços de ideais, de resistência e de criação. Esse é o irredutível humano, mesmo em espaços que adoecem pode-se efetivar relações saudáveis.

Um espaço saudável supõe relações sociais e humanas saudáveis. A saúde só pode ser exercida se se enfrenta o espaço que adoce. Enfrentar, às vezes, é um verbo múltiplo: significa caminhar com Drummond, sacolejar o espírito, criticar, autocriticar, transbordar, ser valente e alegre. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.